



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



DAIANE FERREIRA DE FREITAS SILVA SOUZA

**AS PRÁTICAS E DESAFIOS DO ENSINO/APRENDIZAGEM EM ARTES NO
1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

JUIZ DE FORA
2019

Daiane Ferreira de Freitas Silva Souza

**AS PRÁTICAS E DESAFIOS DO ENSINO/APRENDIZAGEM EM ARTES NO
1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao corpo docente do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. M.^a Carmem Lúcia Altomar Mattos

Coorientadora: Prof^a. M.^a Patrícia Gomes Alves de Souza

JUIZ DE FORA
2019

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço à Deus, pois foi Ele quem permitiu que tudo isto fosse possível. É Ele quem me sustenta em todo tempo, me garantindo as vitórias que eu necessito para continuar conquistando.

Agradeço aos meus amados pais, Dilson e Alzira, que sempre acreditaram em mim, que me deram muito apoio para que eu pudesse continuar seguindo e conquistando meus sonhos, principalmente a realização desse curso de pós-graduação. Agradeço também pelos conselhos e, principalmente, pelo amor que me deram durante toda vida, pois este é o combustível que tem me impulsionado a avançar cada vez mais.

Agradeço ao meu esposo Wesley, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades. Ele tem me encorajado cada vez mais a encarar os desafios, me incentivando todos os dias para alcançar meus objetivos e sempre dizendo que conseguirei porque sou capaz.

Agradeço também aos professores e tutores por terem compartilhado seus conhecimentos e experiências comigo, me preparando para ser uma profissional de excelência. Em especial, agradeço às professoras mestras Carmem Lúcia Altomar Mattos e Patrícia Gomes Alves de Souza por me orientarem e auxiliarem na produção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Enfim, agradeço a todos os meus familiares e amigos, aos que de perto ou de longe tem me apoiado, aconselhado, orado e sempre estão na torcida por mim e pela realização de cada sonho.

A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem sempre, cem modos de escutar, de maravilhar e de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir, cem mundos para inventar, cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois cem, cem, cem). Mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo. Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar, de compreender sem alegrias, de amar e de maravilhar-se só na Páscoa e no Natal. Dizem-lhe: de descobrir um mundo que já existe e de cem roubaram-lhe noventa e nove. Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação, o céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas. Dizem-lhe enfim: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário as cem existem.

Loris Malaguzzi

AS PRÁTICAS E DESAFIOS DO ENSINO/APRENDIZAGEM EM ARTES NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Daiane Ferreira de Freitas Silva Souza¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa que buscou “investigar” a prática docente no ensino de Artes no 1º ano do ensino fundamental da Escola Municipal “Monsenhor Ibrahim Gomes Caputo”, localizada no município de Piraúba-MG. O principal objetivo foi descobrir como tem sido o desenvolvimento das aulas de Artes e responder aos seguintes questionamentos: Quais são os sentidos e significados adquiridos nas aulas de Artes para as crianças? E para o professor? Será que existe um espaço reflexivo e criativo que contemple a participação de todos? O que os alunos podem aprender através de uma aula mais lúdica e diferente do tradicional/mecanizado? Para a metodologia, foram utilizadas observações de como se dá o processo de ensino/aprendizagem nas aulas de Artes, utilizando alguns documentos oficiais, pensamentos de diferentes autores e o planejamento do professor como embasamento e auxílio na discussão da pesquisa. A partir disso, realizou-se uma experimentação/intervenção com as crianças para a elaboração de uma atividade diferente, dinâmica, em que os alunos tiveram a oportunidade de participar, dialogar, opinar, criar e vivenciar um momento significativo e de muito aprendizado.

Palavras-chave: Artes Visuais; Educação; Ensino.

1 INTRODUÇÃO

“(...). Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos”.

Paulo Freire

O presente artigo foi elaborado para a obtenção do título de especialista no Ensino de Artes Visuais, oferecido pelo Centro de Educação a distância (CEAD) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob a orientação da Prof.^a M.^a Carmem Altomar e Coorientação da Prof.^a M.^a Patrícia Gomes.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado tem como principal objetivo tecer reflexões sobre as aulas de Artes no 1º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Monsenhor Ibrahim Gomes Caputo”, localizada no município de Piraúba-MG, visando possibilitar ao docente uma reflexão sobre sua prática de ensino, o que tem deixado para seus alunos e o que poderia ser mudado ou implementado para que o ensino de Artes saia de

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-Graduada no Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais pelo Centro de Educação à Distância (CEAD/UFJF). E-mail: dferreirasouza@hotmail.com

um ensino superficial/ mecanizado e passe a ter mais qualidade e significados para todos.

Há bastante tempo venho observando que as atividades de Artes realizadas com as crianças e que são expostas no mural da escola onde trabalho tem sido tarefas “prontas e acabadas” em que as crianças só precisam colorir, preencher o nome e já estão “finalizadas”. Como isso me traz muitas inquietações, para esta pesquisa pretendo buscar respostas para os seguintes questionamentos: Quais são os sentidos e significados adquiridos nas aulas de Artes para as crianças? E para o professor? Será que existe um espaço reflexivo e criativo que contempla a participação de todos? Como tem sido o ensino/aprendizado em Artes? O que os alunos podem aprender através de uma aula mais lúdica e diferente do tradicional/mecanizado?

Para responder à pergunta inicial deste artigo, observei algumas aulas de Artes e entrevistei, informalmente, a professora que ministra a disciplina, buscando entender o que ela pensa sobre sua prática em sala de aula e quais caminhos são usados para a realização das atividades. Também utilizei o planejamento participativo, pois busquei dialogar com os envolvidos, tentando entender como cada um se organiza na escola, discutindo sobre a própria realidade e, a partir disso, realizei uma intervenção com as crianças por meio de uma atividade diferente, dinâmica, em que os alunos tiveram a oportunidade de participar, dialogar, opinar, criar e vivenciar um momento que saísse da rotina escolar.

Os dados para minha pesquisa foram coletados em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental no período matutino. As observações e intervenção foram realizadas dentro do período de 15 dias.

A instituição onde realizei minha pesquisa, foi a Escola Municipal “Monsenhor Ibrahim Gomes Caputo” localizada na Rua Francisco Álvares Vieira, s/n, Bairro Piraubinha - Piraúba/MG - CEP: 36170-000. Essa escola está localizada em um bairro da periferia e atende a uma população de situação carente, onde a maioria dos pais e/ou outros responsáveis são de baixa renda.

A instituição se concentra em uma área de excelente localização e de fácil acesso, colaborando para a realização da pesquisa. Como registro, escolhi as notas de campo que podem trazer detalhes dos momentos vivenciados na prática, diálogos e “respostas” a algumas questões que foram estabelecidas

previamente. Também utilizei fotografias tiradas durante a intervenção, pois trazem muitos significados e ampliam o olhar sobre a reação e envolvimento dos alunos.

2 QUEM SÃO AS CRIANÇAS?

“O bom de ser criança é que podemos ser tudo o que nós quisermos”.

Heliel de Oliveira

Por meio de interações estabelecidas com diferentes pessoas que estão ao seu redor, as crianças buscam uma forma de compreender o mundo onde estão inseridas, elas constroem o conhecimento por meio de interações que estabelecem com o meio e, se constituem através da criação, significação e ressignificação. Segundo Kramer, as crianças carregam,

[...] histórias, ideias, representações, valores, modificam-se ao longo dos tempos e expressam aquilo que a sociedade entende em determinado momento histórico por criança, infância, educação, política de infância e instituição de Educação Infantil” (KRAMER, 1999, p. 207).

As crianças possuem uma peculiaridade que vem do lugar em que estão inseridas no mundo social. “Nas interações com os adultos, mediadas por produtos culturais a ela dirigidos, a criança recebe, significa, introjeta e reproduz valores e normas tidos como expressões da verdade” (SARMENTO, 2002, p. 21).

Segundo o documento intitulado de “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” (RECNEI), a criança é:

[...] um sujeito social e histórico, faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”. (BRASIL, 1998, pg.21)

O sujeito é o próprio participante do seu processo de conhecer, pois ele cria, recria, inventa, constrói, ou seja, o conhecimento não é recebido “pronto” e “acabado” por ele, nem mesmo está nele. O conhecimento é elaborado por ele. Segundo Piaget,

[...] os conhecimentos derivam da ação, não no sentido de meras respostas associativas, mas no sentido muito mais profundo da associação do real com as coordenações necessárias e gerais da ação. Conhecer um objeto é agir sobre ele e transformá-lo, apreendendo os mecanismos dessa transformação vinculados com as ações transformadoras. [...] (PIAGET, 1970, p. 30).

Para Piaget, esse processo do conhecer está caracterizado por sua natureza de construção que está ativa. O processo construtivo cognitivo sob o pensamento piagetiano, implica na existência de métodos ativos.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE SOBRE AS OBSERVAÇÕES REALIZADAS

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o seu sonho pelo qual se pôs a caminhar”

Paulo Freire

Neste tópico, apresento alguns registros a partir de minhas observações em sala de aula. Para a realização desta pesquisa, solicitei à professora uma permissão para acompanhar o desenvolvimento de suas aulas de Artes, buscando entender como se dá o ensino e a prática em sala de aula com os alunos do 1º ano do ensino fundamental. Ela me recebeu muito bem e disse que estava disposta a mostrar seus planejamentos, auxiliando em tudo o que fosse necessário para o desenvolvimento do meu trabalho. A partir disso, combinamos a data de início das observações que começariam na semana seguinte a nossa conversa.

As observações foram realizadas na Escola Municipal “Monsenhor Ibrahim Gomes Caputo” localizada no município de Piraúba/MG. As aulas de Artes do 1º Ano são ministradas pela professora Marcélia Pinto Gaspar que possui formação em Administração, Pedagogia e especialização em

Psicopedagogia. Essa professora também trabalha com as disciplinas de “Produção de Texto” e “Recreação e Jogos” para a mesma turma em que se utiliza de interdisciplinaridade entre os conteúdos. Segundo o cronograma escolar, as aulas das três disciplinas ocorrem na segunda, quarta e sexta-feira.

Dando início às minhas observações, percebi que a professora sempre começa suas aulas fazendo a oração do “Pai Nosso” com as crianças e logo após cantam uma “musiquinha” para irem se “acalmado”. Para me receber no primeiro dia de observação, ela preparou uma aula de colagem com papel crepom e fez questão de me deixar por dentro do que seria trabalhado no dia.

No primeiro dia de observação, acompanhei três aulas seguidas com duração de 50 minutos cada. A atividade proposta, segundo a professora, tinha como objetivo enfeitar o desenho de um gato e um cachorro, em que os alunos deveriam fazê-los de forma bem parecida com seu “bichinho” de estimação, caso tivessem. A professora entregou tirinhas de papel crepom na cor branca para enfeitarem o desenho do gato. Pediu para que os alunos rasgassem o papel recebido em pequenos pedaços, sem fazer “bolinhas”. Esses pedaços formariam a pelagem do animal, os mesmos deveriam ser picados bem pequenos para ficar mais “bonito”, segundo dizia a professora.

Quando todos terminaram de cortar, a professora pediu para que colassem os papeizinhos sem “sair da linha” e da melhor forma possível.

Quando os alunos finalizaram a colagem do papel crepom branco no desenho, a professora passou de mesa em mesa olhando as atividades e falando em voz alta sobre os diferentes tipos de pelagem que apareceram na tarefa, tais como: “fofinho”, “pelo curto”, “pelo longo”, “fino”, “grosso”, entre outros. Feito isso, chegou o momento de enfeitar os pelos do cachorro que agora seriam nas cores amarelo ou caramelo, segundo a preferência do aluno.



Figura 1: Colagem - Decorando os “bichinhos” de estimação

Em conversa com a professora de Artes, perguntei sobre os conteúdos que está acostumada a trabalhar com os alunos: ela me disse que tudo gira em torno de atividades de recorte, colagem, pintura e colorir desenhos “prontos”. Ela nunca apresentou para as crianças diferentes obras de artistas famosos e nem regionais.

As atividades realizadas nas aulas sempre estão prontas e os alunos devem somente decorá-las, dificilmente os alunos têm a oportunidade de criar algo ou são incentivados a explorarem a imaginação. Podemos observar isso na atividade registrada acima, pois os alunos deveriam colocar a “pelagem” no gato e no cachorro somente com as cores entregues pela professora, sem poder escolher outras que achassem mais adequada ou desejassem utilizar, somente o desenho do cachorro que poderiam escolher entre o amarelo ou caramelo, ou seja, também foi bem limitado. Em minha opinião, a professora poderia levar diferentes cores de papel crepom e deixar que os alunos pegassem o que gostariam e tivessem a oportunidade, até mesmo de misturar as cores formando uma figura mais autêntica.

Em outro dia de observação, como estava se aproximando a Páscoa, a professora entregou desenhos de ovos de páscoa para os alunos decorarem com as cores “pré-estabelecidas” por ela e nos espaços indicados, novamente

“sem sair da linha”, pois os mesmos seriam expostos no mural da escola para que todos pudessem ter acesso, inclusive os pais que iriam até a escola para ver a apresentação que seria realizada em comemoração à Páscoa.



Figura 2: Decorando os "Ovos de Páscoa"

Os alunos ficaram bem empolgados com esta atividade, pois era o desenho de um Ovo de Páscoa já recortado e bem grande (impresso em duas folhas A4 e colados ao meio), cheios de espaços para enfeitarem. A professora ficou “em cima” dos alunos para que os desenhos saíssem “perfeitos” e sem “erros” para não serem criticados pelas outras pessoas quando os vissem expostos no mural. Para as crianças, esse momento era de diversão, pois gostam e estão acostumados com tarefas de colagem.

Seguindo com as observações, no próximo dia, acompanhei uma atividade que também era sobre o tema da Páscoa, agora para ficar registrada no caderno. Os alunos deveriam colorir o desenho do “Ovo de Páscoa” somente nos espaços onde existiam pontinhos, “fazendo sempre com muito capricho”, fala da professora. Marcélia pediu para que todos colorissem o laço na cor verde e os demais, da cor que desejassem. Quando todos finalizaram, ela colocou glitter em cada desenho e pediu para que espalhassem.



Figura 3: Colorindo os espaços com pontinhos

Nessa tarefa, alguns alunos a fizeram com muito “sucesso”, outros já tiveram mais dificuldade para encontrar o local em que deveriam colorir. A professora passou de mesa em mesa olhando os desenhos, elogiando e também criticando aqueles que “saíram” da linha ou fizeram o laço de outra cor, entre outros detalhes. Ela sempre faz essas considerações em voz alta, o que muitas vezes deixa os alunos constrangidos ou tristes com o *feedback* recebido.

Para finalizar minhas observações em sala de aula, realizei uma nova entrevista com a professora para as inferências a seguir, fazendo algumas perguntas para entender o que ela pensa sobre as aulas de artes e como é o seu modo de trabalho.

Ela me falou que já trabalhou com ações de aprendizagem e educação inclusiva na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e, por último (atualmente), na Escola Municipal “Monsenhor Ibrahim Gomes Caputo”. Chegando na escola citada acima, como era a professora efetiva a mais tempo na Rede Municipal do que as outras, teve o direito e prioridade de escolher a turma e as matérias que

gostaria de lecionar, logo, escolheu as disciplinas de “Arte” e “Produção de Texto” no 2º Ano.

Além de trabalhar os conteúdos por meio da interdisciplinaridade e, para completar a carga horária semanal, ela também fazia parte de um projeto do governo intitulado de “60 lições” em que o principal objetivo era dar aulas de reforço com ênfase para a disciplina de Português, na própria escola, para os alunos do 3º ano que ainda não sabiam ler. Como o projeto foi cortado, atualmente a professora também assumiu uma turma de 1º ano ministrando as disciplinas de “Artes, Produção de Texto e Recreação e Jogos”.

Para a professora, a realização de atividades de colorir desenvolve as seguintes habilidades: ordem, capricho, concentração, disciplina, comunicação, entre outros. Segundo ela, quando a atividade é apresentada como algo obrigatório, “exigido”, as crianças cansam e vão desanimando quando veem a seriedade da tarefa. Quando eles “enxergam” a tarefa como “diversão”, o rendimento é bem melhor, a atividade rende e flui.

Durante as aulas de Artes, a professora fala que os alunos devem ficar em silêncio absoluto, sem poder conversar com o colega, não podendo virar para trás e nem para o lado. Eles devem ficar disciplinados em seu lugar fazendo sua tarefa com muito “capricho”, são momentos bem “mecanizados” mesmo.

A professora não trabalha com nenhum tipo de artista específico em sua disciplina no 1º ano, costuma falar de forma geral utilizando exemplos como: pessoas que pintam portões, casas, arrumam comida na bandeja/prato, entre outros, de acordo com a realidade dos alunos.

Quando perguntei se apresentaria algum artista para a turma, ela me garantiu que não faria isso de jeito algum, pois eles estão muito novos e ainda não estão na época de aprender sobre isso. Mas ao final da conversa, perguntei novamente, então ela mudou a resposta dizendo que falaria de forma bem superficial, praticamente citando mais ao final do 4º bimestre somente de forma oral, pois esses assuntos serão aprofundados nas séries futuras.

A pedido da escola, ela trabalha muito com datas comemorativas, pois segundo a docente, “dá para explorar mais, encontrar bastante conteúdo na internet e buscar coisas que auxiliam no trabalho da professora regente da turma” - palavras da professora.

É importante que a escola proporcione um tempo de infância coberto de sentidos, desafios e que as relações sejam simultaneamente significativas e prazerosas, criativas, críticas e inovadoras. Para isso, é necessário que sempre tenham como ponto de partida, a realidade onde a criança está inserida para que assim possa se garantir a diversidade e especificidade de cada um. A base para novas propostas, segundo o pensamento de Redin (1998),

“[...] será a convicção inabalável de que todas as crianças têm a possibilidade de se desenvolver e aprender desde que seja resguardada a construção da autoimagem positiva de todas as crianças. O acesso aos conhecimentos acumulados será enriquecido com a possibilidade da construção de novos conhecimentos para a qual a arte, a estética, o belo e o lúdico deverão ser a mediação indispensável. A escola só será libertadora se possibilitar, na sua prática, a construção da autonomia e da cooperação”. (1998, p. 52)

Dessa forma, você professor(a) que é o promotor e articulador dos momentos de aprender em sala de aula por meio de sua ação docente, pensamentos e do seu fazer pedagógico, deve proporcionar aos alunos a busca e a vontade de conhecer e aprender.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte,

“A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas”. (BRASIL, pg. 19, 1997)

É necessário que o professor explore cada vez mais a criatividade dos alunos, fazendo com que sejam mais críticos, sensíveis, reflexivos e ampliem seus conhecimentos e experiências cada vez mais.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A INTERVENÇÃO REALIZADA

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire

O objetivo foi produzir uma "aula" com a turma observada, de modo que houvesse a produção de uma situação de ensino/aprendizado em que não fosse mera transmissão de informações ou atividades “mecanizadas”, devendo ser algo em que a "arte se desdobrasse como educação" e "educação se produzisse como arte", valorizando os elementos que foram discutidos ao longo do curso, especialmente a questão da experiência/experimentação e processos de criação entre arte/educação/professor/artista.

No dia 26 de abril de 2019, apliquei a primeira parte meu plano de aula intitulado de “Vejo e imagino... Pintando o que se vê”. O primeiro momento foi para fazer o levantamento prévio acerca do conhecimento que os alunos possuem sobre o tema “Nuvens”, tais como: o que são? Porque existem? Como são suas formas? Para que servem? Entre outras questões que fui levantando e foram surgindo ao longo de nosso diálogo. Foi um momento muito significativo para mim como professora e para os alunos, que puderam se expressar e participar dessa conversa informal falando sobre suas opiniões e pensamentos.

As crianças ficaram muito animadas e interessadas com o assunto e a aula se tornou muito mais significativa para eles. Após todos terem falado, comecei a explicar e explorar o assunto sobre as nuvens. Eles ficaram ouvindo e, com um olhar bem atento, levantavam o dedo todas as vezes que tinham dúvida ou quando desejavam tecer um comentário.

No segundo momento da aula, apresentei para os alunos a biografia e algumas obras do pintor chamado “John Constable”.

“John Constable (1776-1837), foi um dos artistas pioneiros na percepção e estudo da mudança das condições atmosféricas na arte. Constable, que fez da natureza seu tema do secundário, dedicou-se ao ensino e desenvolvimento de novos caminhos para descrever a cor do céu. O céu, principalmente, o encantou devido à mudança, na natureza as quais governam tudo. Marcou fortemente esta sua obsessão com estudos das nuvens e da abóbada celeste, também experimentou diferentes técnicas com folhas molhadas e

sereno, capturando novos efeitos, para retratá-los em seus trabalhos". (Fonte: wikipédia.com)

Os alunos ficaram encantados com as obras produzidas por esse pintor e se inspiravam cada vez mais. Interagiam uns com os outros falando sobre o que viam nas telas, as características marcantes e o que mais gostaram. Alguns alunos sentiram o desejo de ir até a frente da sala para mostrar a pintura e falar um pouco sobre ela para os colegas.



Figura 4: Apresentando algumas obras do artista

A segunda parte de minha intervenção foi realizada no dia 29 de abril de 2019. No primeiro momento, para que pudéssemos colocar em prática o conhecimento adquirido, separei a turma em duplas e entreguei uma folha A4 colorida para cada grupo, depois distribuí pincéis e tintas guache.

A atividade era a seguinte: a dupla deveria dobrar a folha ao meio e depois abri-la para que pudessem ver qual era o limite da folha (o meio exato) que poderiam utilizar. Pedi para que cada aluno fizesse algumas manchas aleatórias coloridas, usando todas as cores ou só a que desejassem; também poderiam misturá-las. Nesse momento, eles deveriam utilizar somente um lado da folha.

Quando todos terminaram, passei de mesa em mesa para finalizar a atividade e para que as crianças pudessem ver o resultado. Aproximando-me de cada dupla, pedia para que dobrassem a folha ao meio seguindo a marcação que fizemos antes, depois eles deveriam abrir novamente a folha vendo o resultado de sua obra de arte. Esse momento foi surpreendente e encantador para eles, pois puderam imaginar e identificar diferentes formas em meio as

“manchas de tinta” que ficaram duplicadas e juntas na folha. Os alunos foram falando com muita empolgação:

- “Tia, olha só!!! Aqui tem um dragão, ali um cachorro, uma casa, achei também a Rapunzel, tia olha só os cabelos dela”.

- “Muito legal, tia! Eu adorei essa atividade!”.

Acompanhar os resultados com cada dupla foi uma experiência incrível e inesquecível, pois podia ver o quanto estavam envolvidos com a atividade e ver os “olhinhos” deles brilhando de alegria e satisfação. Ouvi atentamente cada aluno explicando o que conseguiram identificar na pintura e me surpreendi com as respostas, foi um momento único.



Figura 5: Alguns materiais utilizados



Figura 6: Praticando e interpretando

No segundo momento de minha intervenção, levei os alunos até o pátio e pedi para que formassem uma roda e sentassem-se no chão, onde iniciamos nossa conversa discutindo novamente sobre o tema “nuvens”, só que agora com mais informações e conteúdo que adquiriram nos momentos anteriores. Cada aluno teve a oportunidade de se expressar da forma que desejasse.

Após nosso diálogo, entreguei uma folha A4 azul (para representar o céu) para cada criança, pincel e uma “tampinha” com tinta branca (para representar as nuvens). Pedi para que representassem em forma de pintura aquilo que viram em meio as nuvens, ou seja, tudo o que imaginaram, as formas que reconheceram e enxergaram.

Os alunos identificaram muitos animais, objetos, pessoas e muitas coisas interessantíssimas. Eles ficaram encantados ao deitarem no chão e observarem as nuvens com bastante atenção, pois muitos alunos nunca tinham parado para reparar e, quando fizeram isso, ficaram muito surpresos e começaram a falar as coisas que estavam enxergando:

- *“Tia, eu achei uma sereia, você está vendo? Está bem ali!”*
- *“Tia, olha o dragão cuspiendo fogo!”*
- *“Tia, do lado do dragão tem um cachorro pequenininho”.*
- *“Tia, eu estou amando essa aula, é muito legal”.*

Quando todos finalizaram a pintura, pedi para que cada um contasse para os colegas sobre o que fizeram e o que a aula significou.



Figura 7: Nuvens vistas do pátio da escola



Figura 8: Colocando a imaginação em prática

Por meio dessa proposta de aula, os alunos tiveram a oportunidade de aprender sobre um tema diferente e criar sua obra de arte usando a imaginação, participando de uma aula “diferente” e saindo da rotina. Esses momentos foram muito significativos para todos nós e, ver a alegria, inspiração e encantamento das crianças, não tem preço.

O curso de “Especialização em Ensino de Artes Visuais” permitiu ampliar meu repertório de artistas e me ensinou a olhar as obras com um olhar crítico, sensível e aberto a diferentes significados, permitiu também ampliar meus horizontes e pensamentos acerca do ensino e aprendizagens em Artes.

No final deste trabalho de conclusão de curso seguem, em anexo, as fotos oficiais dos trabalhos feitos pelos alunos e o plano de aula da intervenção completo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro”.

Rubem Alves

Neste artigo busquei entender quais são os sentidos e significados adquiridos nas aulas de Artes para as crianças e a professora; se existe um espaço reflexivo e criativo que contemple a participação de todos; como tem sido o ensino/aprendizagem em Artes; o que os alunos podem aprender através de uma aula mais lúdica e diferente do tradicional/mecanizado; entre outras questões.

Para isso, inicialmente realizei observações durante as aulas de artes e ao final, apliquei uma intervenção com as crianças abordando uma temática diferente e significativa. Fiz um levantamento prévio sobre o conhecimento da turma e, também, utilizei algumas obras do artista John Constable para levar os alunos a uma reflexão de forma lúdica mais aprofundada sobre o tema.

Feito isso, partimos para a parte prática, explorando e usando todo o conhecimento que fora adquirido no primeiro momento da intervenção.

Em minha opinião, não é possível viver sem arte, pois tudo que está ao nosso redor é arte, das coisas mais simples e pequenas até as coisas maiores e sofisticadas. A arte nos faz enxergar o mundo com “outros olhos”, acreditar na beleza da vida, refletir sobre questões polêmicas ou não do nosso cotidiano, permite viajar, imaginar, criar coisas fantásticas, enfim, permite nos formar e transformar.

É de fundamental importância que a professora dessas crianças dê mais espaço a elas e deixem-nas serem elas mesmas, para que possam criar, inventar, reinventar e refletir sobre diversos temas de forma mais lúdica, interessante, significativa e de forma que tenham a atenção de cada um de forma livre, sem “pressão”.

O mais importante para mim foi ter a oportunidade de dar espaço e ouvir as crianças se expressando e contando o que pensam sobre as nuvens, algo tão

simples e que está sempre presente em nosso cotidiano e que com as tecnologias de hoje em dia, a correria, entre outros fatores, ninguém as observa.

Esta pesquisa visa possibilitar ao docente uma reflexão sobre sua prática de ensino e o que tem deixado para seus alunos, o que poderia ser mudado ou implementado para que o ensino de Artes saia de um ensino superficial/mecanizado e passe a ter mais qualidade e significados para todos.

Para concluir minha pesquisa, venho falar do grande impacto que a intervenção teve na vida dos alunos, pois por meio dela pude observar o quanto as crianças aproveitaram o momento e se divertiram, sem precisar seguir somente um “padrão” pré-estabelecido; eles se sentiram livres para se expressarem e realizarem a tarefa à sua maneira, usando sua imaginação. Percebi também que depois dos diálogos com a professora, ela refletiu bastante sobre a sua prática docente e começou a se sentir mais confiante e estimulada a buscar novos meios, novos caminhos para que os conteúdos ministrados por ela, se torne mais prazeroso para todos.

Meu Trabalho de Conclusão de Curso não se encerra aqui, pois por meio dele poderá haver continuidade na discussão, inclusive servir de base para futuras pesquisas. Deixo então algumas perguntas para reflexão dos professores ao lerem este artigo: você tem ouvido seus alunos? Tem dado espaço para diálogo? Os alunos têm tido oportunidade de se expressarem, criarem, reinventarem? As aulas têm sido significativas para todos?

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1997.

KRAMER, Sônia. **Infância e produção cultural**. Campinas: Papyrus, 1999.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Tradução de Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Forense, 1970.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança**: se der tempo a gente brinca! Porto Alegre: Mediação, 1998.

SARMENTO, Manuel J. **Imaginário e culturas da infância**. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”. Projeto POCTI/CED/2002.

Site: https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Constable. <Acesso em: 01/04/2019>

ANEXOS**PLANO DE AULA**

1-Nome da Instituição: Escola Municipal “Monsenhor Ibrahim Gomes Caputo”	
2-Turma: 1º ano	3 – Idade dos alunos: 6 anos
4- Nome da professora: Daiane Ferreira de Freitas Silva Souza	
5-Tema: Vejo e imagino... Pintando o que se vê.	
6-Objetivos: <p>A partir dessa proposta de trabalho apresentada, farei uma intervenção em que pretendo proporcionar aos alunos novas experiências a partir daquilo que está presente no cotidiano deles. Espero que nessa intervenção os alunos possam compreender e interpretar a paisagem como um dos gêneros da pintura. O objetivo é que os alunos possam fazer leituras das nuvens de uma maneira diferente, por meio de observações sobre suas formas.</p> <p>Por meio de leituras de paisagens do cotidiano da criança, essa prática se torna uma pequena vivência do que significa observar uma paisagem, lê-la e depois usá-la como inspiração e, para o desenvolvimento do tema, serão apresentadas as produções/obras de um artista chamado “John Constable” para que as crianças compreendam e ampliem seus conhecimentos.</p>	
7- Justificativa: <p>Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza. A arte é ensinar um novo modo de ver, ou seja, enxergar a partir de outra perspectiva.</p> <p>Essa intervenção é importante porque fará com que os alunos apreciem e analisem as nuvens e percebam o quão ricas são em suas formas e traços, por meio disso, poderão compreender e imaginar como pode ser retratada em um papel.</p> <p>No decorrer da intervenção será trabalhado a abordagem Triangular que procura englobar vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo, entre os principais estão: leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer).</p>	

Durante as aulas serão apresentadas as imagens do pintor inglês **John Constable** que fez da natureza seu principal tema e as nuvens tem destaque em suas obras. As diferentes formas de nuvens que apareciam no céu o faziam imaginar rostos, animais, plantas e muitas outras coisas.

8- Materiais a serem utilizados:

- Folhas coloridas A4
- Pincel
- Tintas guache
- Obras do John Constable (impressas)

9- Organização do espaço:

A intervenção se dará em dois espaços, ou seja, espaço interno que será dentro da sala de aula onde será realizada a apresentação do tema proposto. Espaço externo que será fora da sala de atividades para que os alunos possam analisar e observar as nuvens que aparecem no céu e por meio disso registrar desenhos a partir de suas experiências.

1º Dia:

- A intervenção se dará dentro da sala;
- Apresentarei as obras impressas;
- As cadeiras serão colocadas uma ao lado da outra formando duplas.

2º Dia:

- Parte da intervenção será dentro da sala e parte no ambiente externo;
- Fazendo manchinhas de tinta no papel;
- Interpretando a pintura realizada e representando no papel;
- No pátio da escola, os alunos se sentaram no chão e irão observar as nuvens;
- Serão distribuídas folhas A4 colorida, pincel e tinta guache.

10- Metodologia a ser utilizada:**PRIMEIRA PARTE DA INTERVENÇÃO:**

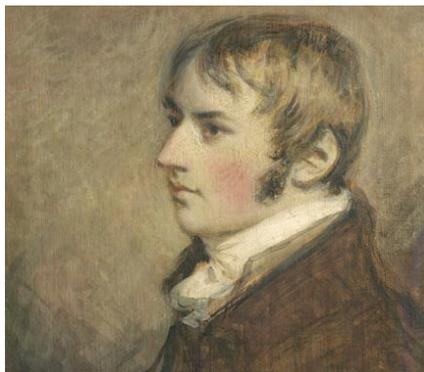
- Fazer um levantamento prévio acerca do conhecimento dos alunos sobre o tema “nuvens” perguntando: o que são, para que servem, se é possível identificar algo em suas formas, entre outros questionamentos que possam surgir ao longo da conversa;
- Apresentar aos alunos as obras do pintor **John Constable**;
- Durante a apresentação, farei diferentes perguntas, como por exemplo:
- O que vocês observam nessa obra? O que mais chama sua atenção? Por quê? O que as imagens representam? Vocês conseguem identificar, nas formas que elas apresentam, uma figura conhecida?

SEGUNDA PARTE DA INTERVENÇÃO:

- Estabelecerei uma conversa informal com os alunos onde falarei: - Assim como é possível imaginar formas nas nuvens, o mesmo acontece quando você procurar desenhos em manchas de tinta no papel, vamos experimentar?
 - Então, será solicitado que os alunos façam manchas de tintas no papel. Serão distribuídas folhas A4 amarela, tinta e pincel para cada dupla.
 1. Cada aluno fará com o pincel algumas manchas de tinta guache em um dos lados da folha, utilizando as cores rosa, vermelho e branco;
 2. Depois devem dobrar a folha pela metade e pressionar o papel com as mãos;
 3. Abrir o papel e observar as diferentes formas que surgiram, os alunos devem procurar reconhecer seres, objetos, rostos e o que mais a imaginação criar.
 - Os alunos serão levados ao espaço externo da escola onde ficaram sentados no chão em roda para observarem as nuvens;
 - Entregarei as folhas, o pincel e a tinta guache para que os alunos, a partir do que veem, possam retratar e deixar sua imaginação e inspiração falar mais alto no papel.
 - Ao final, os alunos mostrarão aos colegas sua obra de arte e discutirão sobre as experiências adquiridas.

11- Avaliação:

Os aspectos observados para a avaliação no decorrer das intervenções serão a interação dos alunos com o tema, atividades realizadas por eles e, as experiências adquiridas ao longo das aulas.

12- Informações sobre o artista:

John Constable
(1776-1837)

No dia 11 de junho de 1776 nascia, em Suffolk, na Inglaterra, John Constable. Um dos artistas pioneiros na percepção e no estudo da mudança dos efeitos da luz e condições atmosféricas na arte. **Constable**, que fez da natureza seu tema principal, dedicou-se à compreensão e desenvolvimento de novos caminhos para descrever a mutação. O céu, principalmente, o encantou devido às mudanças de luminosidade. Marcou fortemente esta sua obsessão com estudos das nuvens e da abóboda celeste, molhadas e sereno, capturando novos efeitos para retratá-los em seus trabalhos.

(Wikipédia.com)

Segundo a história da arte, todo esse amor do pintor John pela natureza e principalmente pelo céu, deu-se graças ao lugar em que nasceu. O pequeno vilarejo de Suffolk sempre ofereceu aos olhos do menino um espetáculo no céu, graças a sua localização. O que é perceptível nas obras de John, no tratamento especial que ele dá as cores, mas não buscando somente algo romântico, mas aquilo mais perto do real e das mudanças que nele ocorrem.

Esse diferencial devido a tantos estudos, tanta observação, fez com que John Constable fosse considerado o primeiro pintor a retratar a paisagem o mais próximo do real, porém, comparado com Turner e Friedrich, de forma mais austera.

O jovem de uma pequena cidade da Inglaterra sabia o que queria desde criança e demonstrou isso por conta do seu talento. John Constable é um dos artistas pioneiros quando se fala de estudo e percepção dos efeitos da luz e como as condições do ar podem influenciar a arte.

O tema principal das obras de John sempre foi a natureza, objeto esse, que ele fazia questão de tentar entender para desenvolver o melhor na hora de “transportar” o que via para a tela.

John Constable particularmente se encantava pelas mudanças de cores no céu, o como a luz alterava e o quanto refletia na natureza. Para ele, a luminosidade “governava” toda a natureza.

(culturamix.com)



“O pintor paisagista tem de caminhar nos campos com uma mente humilde. Ao homem arrogante jamais foi permitido ver a natureza em toda sua beleza”.

John Constable



Artista: John Constable.
Ano: 1816
Baía de Weymouth.
Óleo sobre tela, 53 cm x 75 cm.



Colagem realizada com algumas telas de John Constable

Referências:

<http://cultura.culturamix.com/arte/john-constable>

https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Constable

IMAGENS DO RESULTADO FINAL DA INTERVENÇÃO REALIZADA

Figura 9: Atividades com tinta e sua representação em desenho



Figura 10: Atividades com tinta e sua representação em desenho



Figura 11: Representações a partir das diferentes formas das nuvens



Figura 12: Representações a partir das diferentes formas das nuvens



Figura 13: Representações a partir das diferentes formas das nuvens

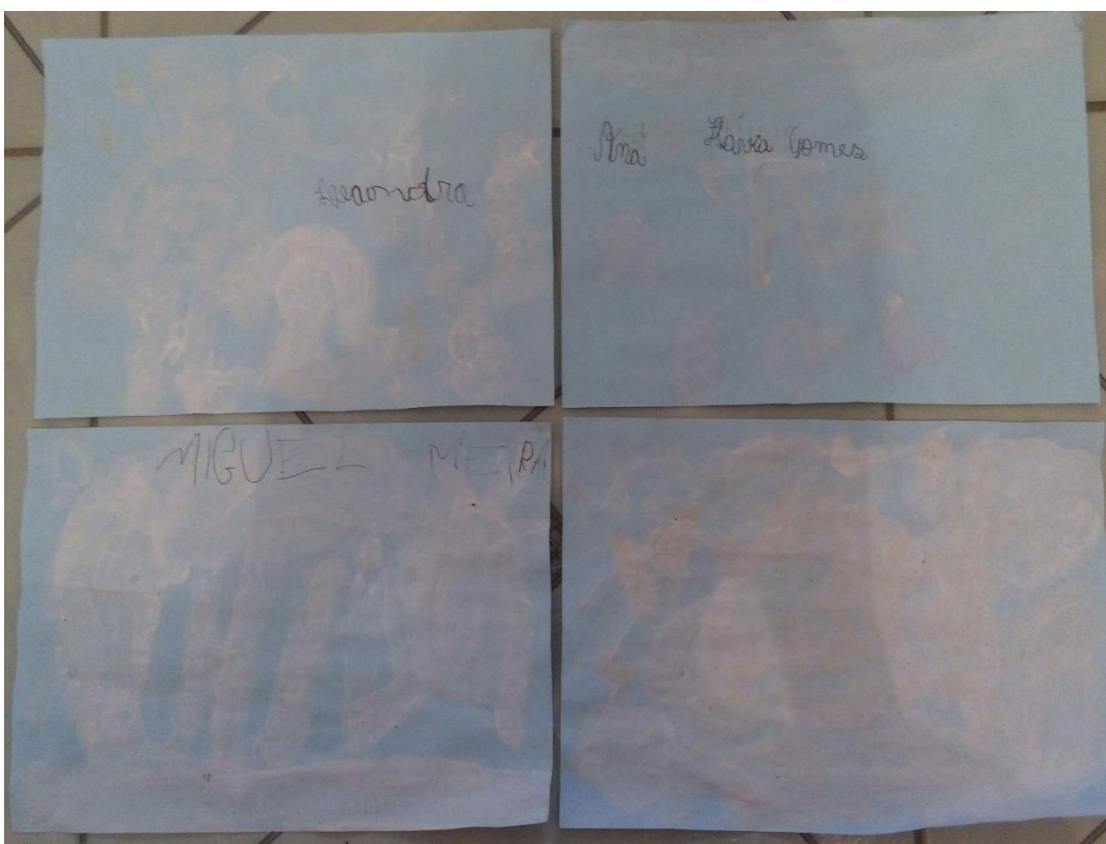


Figura 14: Representações a partir das diferentes formas das nuvens



Figura 15: Representações a partir das diferentes formas das nuvens